

9

O livro de Márcio Borges

Também por acaso, encontrei-me no início de 1994 com Márcio Borges em Belo Horizonte. Na verdade, já não nos víamos como antes e – quando isso acontecia – era de forma muito breve. Havíamos igualmente nos dispersado.

Márcio me informou que estava escrevendo um livro sobre a sua vida como compositor letrista e, naturalmente, Milton Nascimento ocupava um espaço muito importante no trabalho. Convidou-me para editá-lo já que – dizia – eu também tinha uma participação na história.

Encontramo-nos em julho, em Belo Horizonte, onde por três semanas me dediquei a ler os originais e fazer observações e sugestões.

Márcio me pediu também que fizesse uma sinopse sobre o episódio do filme *Milagre dos Peixes* que tínhamos realizado em São Paulo no já distante ano de 1974.

Quando todo o trabalho já estava quase acabado, perguntei ao Márcio qual seria o título e ele me respondeu:

– Histórias ou estórias do Clube da Esquina. Somente isto.

Argumentei que seria melhor usar uma metáfora, uma forma poética. Márcio dizia que não havia encontrado nenhuma. Propus então que fôssemos procurá-la nas letras do *Clube da Esquina n.º 1* e *n.º 2*. A primeira tentativa, colhida no *Clube da Esquina n.º 1*: “Todos se acham mortais”, embora bem recebida por Murilo Antunes – presente na reunião –, não foi acolhida por Márcio. O mesmo não aconteceu em relação à segunda sugestão: “Os Sonhos não envelhecem”, do *Clube da Esquina n.º 2*. Lembro-me de ter comentado:

– Marcinho, nós envelhecemos mas... os sonhos não envelhecem!

Assim que ouviu a proposta, Márcio sentou-se na mesa, abriu a primeira página e escreveu o título, acrescentando:

– É este!

Leia a seguir o texto integral da sinopse.

O Milagre dos Peixes: Show, Disco e Filme

A virada: do desbunde à pompa e circunstância.

Um domingo no começo de 1974.

A ideia do *Milagre dos Peixes* (uma transformação qualitativa) como um projeto multimídia.

O Show: Teatro Municipal de São Paulo. Orquestra Sinfônica. Regência de Paulo Moura, arranjos de Paulo Moura e Wagner Tiso, Conjunto Som Imaginário.

O Filme: O registro visual desta transformação – a metamorfose de Bituca em Milton Nascimento. Reunião no Bairro do Peixoto entre Milton, Márcio e Sérvulo.

Pré-produção: espírito de fraternidade.

Convites: José Sette de Barros para fotografia e câmera; Geraldo Veloso para som direto.

O começo do fim das ilusões: encontro com o produtor (também empresário do Bituca).

Um verdadeiro Exército Brancaleone se põe em marcha.

Quatro gênios num Fusca (viagem a São Paulo, madrugada, carro quebrado na estrada, amanhecer em Sampa). O desmoronamento do projeto original: a documentação da trajetória qualitativa de

Bituca (o antes e o depois) ao simples registro musical do show (quebra de câmera, dificuldade de adaptação da luz cinematográfica à iluminação do palco, encontros e desencontros na labiríntica grande cidade, ventania impede utilização de som direto na filmagem do show no Anfiteatro da USP).

Em meio à turbulência, Bituca dirige-se a um dos funcionários com o objetivo de resolver um problema:

– Chama o Sérvulo porque o Marcinho é muito explosivo.

Tentando recompor o que não mais poderia ser: Sinfonia Cinematográfica Inacabada.

O ano de 1974 acaba e o filme continua sem finalização.

De novo, a ajuda paterna: um cheque-ouro, mais tarde bancado pelo Dr. Cícero, possibilita a realização da montagem.

Aperfeiçoando o imperfeito: impossível reordenar o caos.

A música-tema do filme: reunião com Bituca num estúdio, a primeira e única versão de *Paula e Beбето* com a 2ª parte.

A primeira cópia (sem título e sem ficha técnica).

O filme sem finalidade (metragem de 33 minutos).

Um especial de tevê?

Na verdade, apenas um registro de sequências musicais, começando com o que foi e terminando no que virá, da *Última Sessão de Música a Ao que Vai Nascer*.

Ainda uma última cena: Zezinho, Veloso e Sérvulo levam Marcinho até a Rodoviária de São Paulo, de onde este vai viajar a BH ao encontro de sua mulher Duca e seu filho José Roberto. Dentro do Fusca, Sérvulo comenta:

– Uma boa epígrafe para este filme seria aquela frase do Nizan:

“Os maus tempos passaram, foram os melhores anos da nossa vida”.¹

E Veloso comenta:

– É muito triste isto.

Fim?

¹ A autoria desta frase não pôde ser comprovada como sendo de Paul Nizan e deve ser considerada como uma interpretação construída pelo Autor a partir da obra do escritor e militante político francês.